

TRAÇO DISTINTIVO DO NÓ LARÍNGEO E A ESCRITA INICIAL: ESTUDO DE UM CASO

REINKE, Natália Dummer Zacher¹; MIRANDA, Ana Ruth Moresco²

¹Acadêmica do Curso de Pedagogia/UFPel; ²UFPel, Departamento de Ensino.
natalia.zacher@gmail.com; ana.ruth@pq.cnpq.br

1 INTRODUÇÃO

Estudos realizados por Chomsky e Halle (1968) mostram que há unidades mínimas que compõem os sons da língua, os chamados traços distintivos. A geometria de traços de Clements e Hume (1995) propõe uma organização hierárquica desses traços, os quais isolados, ou ainda sob outros Nós, se distribuem debaixo do Nó de Raiz. O traço [sonoro], que será focalizado neste estudo, está associado ao Nó Laríngeo e é o responsável pela distinção entre os pares de consoantes surdas e sonoras. Os segmentos que compõem esses pares compartilham todos os parâmetros relacionados ao ponto e ao modo de articulação, a diferença entre eles reside apenas no valor do traço [sonoro]. Os fonemas /p/, /t/, /k/, /f/, /s/ e /ʃ/ são considerados surdos, ou [-sonoro], pois, quando produzidos, não apresentam vibração das pregas vocais. Já os fonemas /b/, /d/, /g/, /v/, /z/ e /ʒ/, por serem emitidos com vibração das pregas vocais, são caracterizados como sonoros, ou [+sonoro]. Devido à oposição destes dois grupos, pelo traço de sonoridade, podemos observar as chamadas trocas “surdas/sonoras”, caracterizadas pela oposição dos seguintes pares: /p/ x /b/, /t/ x /d/, /k/ x /g/, /f/ x /v/, /s/ x /z/ e /ʃ/ x /ʒ/.

De acordo com Zorzi, Brondani & Assencio-Ferreira (2002), as crianças com história de trocas surdas/sonoras no desenvolvimento da linguagem que, posteriormente, fazem as trocas também na escrita, são encontradas em número superior, em se comparando às que possuem um desenvolvimento fonológico normal, mas que apresentam na escrita as trocas surdas/sonoras. O estudo de Rodrigues e Miranda (2011), que analisa textos de crianças sem queixas fonoaudiológicas, observa que pelo menos 20% dos sujeitos por elas estudados apresentam trocas surdas/sonoras na escrita.

O objetivo deste estudo é investigar um caso em que essa situação menos frequente é encontrada, ou seja, investigar a produção escrita de uma criança com desenvolvimento fonológico normal que apresente casos de sonorizações e dessonorizações.

2 METODOLOGIA

Este estudo terá como foco a grafia de consoantes que compõem o par surda/sonora em textos produzidos por uma criança, do sexo feminino, com idade de sete anos, cujos dados compõe o BATALE (Banco de Texto de Aquisição da Linguagem Escrita) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. O sujeito em análise é acompanhado desde a idade de 1 ano e 10 meses, aproximadamente. Primeiro, foram realizadas, quinzenalmente, na casa da criança, coletas de fala. Esses dados foram gravados e transcritos foneticamente. Após a transcrição ter sido realizada, pelo menos uma conferência foi feita. Na fala do sujeito não foram observados processos fonológicos de dessonorização e sonorização.

Os dados de escrita, semelhantemente aos de fala, também foram coletados na casa da criança, com a presença de bolsistas que propunham, ora por imagens soltas, ora por sequências de imagens, estímulos para a escrita infantil. Desta forma, foram realizadas quatro coletas de dados, sendo que todas elas serviram de base para este estudo. Dos textos coletados foram extraídas todas as grafias em que havia troca entre consoantes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As tabelas 1 e 2 mostram, a seguir, os dados extraídos dos textos da criança distribuídos de acordo com pares de consoantes e com o processo verificado – sonorização ou dessonorização. Há palavras, no levantamento dos dados, que revelam a “permanência” da grafia incorreta, como, por exemplo, a palavra ‘encontrou’, que foi escrita duas vezes de forma idêntica pelo sujeito no mesmo texto e, em ambas as ocorrências, a palavra sofreu o processo de sonorização, sendo grafada da seguinte forma: ‘engontrou’.

Dados do sujeito:

Tabela 1- Distribuição dos dados de sonorização

Sonorizações	Nº de ocorrências	Escrita
p › b	2	‘apareceu’ › abareceu ‘esperou’ › esberou
k › g	3	‘acordou’ › agordou ‘encontrou’ › engontrou (2)
t › d	3	‘rato’ › radio ‘deitou’ › deidou ‘tudo’ › dudo
f › v	3	‘ficou’ › vicou (2) ‘ficasse’ › vicase
TOTAL	11	

Tabela 2- Distribuição dos dados de dessonorização.

Dessonorizações	Nº de ocorrências	Escrita
b › p	2	‘sobremesa’ › soprimesa ‘bastante’ › pastante
g › k	2	‘pegou’ › pecou ‘perguntou’ › percuntou
v › f	1	‘árvore’ › arfore
TOTAL	5	

Ao observar os dados levantados nas tabelas 1 e 2, é possível perceber que o sujeito deste estudo realiza um maior número de sonorizações na escrita, em se comparando aos casos de dessonorizações encontrados. Em números absolutos, observa-se o dobro de sonorização.

Se analisarmos esses dois processos e se considerarmos o modo de articulação das consoantes, fica evidente o predomínio de trocas surdas/sonoras

acometendo a classe das plosivas, sendo 12 casos de alteração na grafia da plosiva e apenas 4 na da fricativa.

A explicação oferecida por Cagliari (2003), para a ocorrência dos processos que envolvem os valores do traço [sonoro] na escrita, é relativa ao fato de, em sala de aula, os alunos não serem incentivados a pronunciar as palavras, no momento em que as estão escrevendo, ou de serem, até mesmo, proibidos de fazê-lo. O autor afirma que as crianças costumam comparar fala x escrita no início do processo de alfabetização e, por “sussurrarem” as palavras em sala de aula, acabam por escrever um som sonoro como surdo, pois ainda não conhecem a ortografia nem fazem uso de uma imagem mental sonora-auditiva para identificar qual letra deverão utilizar. Por isso, têm como referência apenas a imagem mental da fala real o que dificulta a decisão a respeito da consoante a ser grafada.

Essa explicação, no entanto, não parece ser suficiente para explicar os casos de trocas nas grafias das crianças, especialmente, porque, como mostram os dados analisados, ocorrem também sonorizações, ou seja, são encontradas trocas de fonemas surdos por sonoros, o que não pode ser explicado pelo mesmo motivo apontado por Cagliari (2003).

4 CONCLUSÃO

Ainda que este seja um breve estudo, baseado em apenas um sujeito, é importante salientar que o fato de se ter acesso a dados de oralidade e de escrita da mesma criança, num acompanhamento longitudinal, é bastante significativo, uma vez que os estudos sobre a escrita, na sua grande maioria, não contam com o apoio de dados de oralidade relativos à aquisição da fonologia do mesmo sujeito.

Não se pode deixar de dizer, porém, que há a necessidade de novos estudos sobre essa temática, os quais ofereçam descrições mais completas do processo de aquisição da linguagem oral e escrita para que novas hipóteses explicativas possam ser formuladas. O fato de as trocas do valor do traço distintivo do Nó Laríngéo aparecerem, neste caso em especial, na escrita de uma criança que nunca apresentou tais processos na fala, sendo ainda evidente a predominância na quantidade de sonorizações das consoantes plosivas, se comparadas ao número total de processos encontrados nesta escrita infantil inicial, suscitam questões que, certamente, poderão ser respondidas à medida que mais estudos sejam desenvolvidos.

5 REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2003.

CHOMSKY, Noam & HALLE, Morris. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper and Row, 1968.

CLEMENTS, G. N. & HUME, E. The Internal Organization of Speech Sounds. Ms., 1993. In: GOLDSMITH, J. (ed.) **Handbook of Phonological Theory**. Oxford: Blackwell, 1995.

RODRIGUES, Cristiane Rodrigues de; MIRANDA, Ana Ruth Moresco. As grafias das consoantes que se diferenciam pelo traço [sonoro] em textos de alunos dos anos iniciais. In: Seminário de Aquisição Fonológica, 3., 2011, Pelotas, **Anais**, 2011.

ZORZI, Jaime Luiz; BRONDANI, Adriana Rigo & ASSENCIO-FERREIRA, Vicente José. A incidência de trocas surdas/sonoras na escrita de crianças com e sem história de alteração de linguagem. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 4, n. 2, p.105-110, mai/ago 2002.